

TEÓFILO BRAGA E A CELEBRAÇÃO DAS GRANDES INDIVIDUALIDADES DA HISTÓRIA

JOSÉ LUÍS BRANDÃO DA LUZ

Luz, J. L. B. (2010), Teófilo Braga e a celebração das grandes individualidades da História. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 19: 225-237.

Sumário: O enquadramento histórico enriquece o estudo dos fenómenos e acontecimentos sociais e políticos, ao situá-los em contextos mais amplos de compreensão. Entre eles, sobressaem as acções individuais, que introduzem significações e motivações susceptíveis de alterar o curso previsível dos acontecimentos. A actuação das grandes individualidades, ao ser capaz de integrar os elementos perturbadores da marcha histórica da humanidade, lança as instituições sociais numa linha de progresso que as renova e adapta aos novos desafios. Nesta ordem de ideias, a sua evocação constitui um factor inestimável de promoção da identidade de um povo.

Luz, J. L. B. (2010), Teófilo Braga and the commemoration of great historical figures. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 19: 225-237.

Summary: The historical background enriches the study of social and political phenomena and events, placing them in wider contexts of understanding. Among them, the individual actions stand out, introducing meanings and motivations capable of altering the foreseeable course of events. Because they are able to integrate elements that disturb the historical march of humanity, the behaviour of major figures throws social institutions in a line of progress that both renews them and adapts them to new challenges. In this order of ideas their evocation constitutes a priceless instrument for the promotion of a people's identity.

José Luís Brandão da Luz – Universidade dos Açores

Palavras-chave: Indivíduo, sociedade, política, positivismo, centenário, conhecimento, individual, colectivo, equilíbrio, consciência, liberdade, estática e dinâmica, ordem e progresso.

Key-words: Individual, society, politics, positivism, centennial, knowledge, collective, equilibrium, conscience, freedom, statics and dynamics, order and progress.

Os acontecimentos sociais têm origem em contextos que não observamos directamente, remetendo-nos, por isso, para antecedentes que ultrapassam os limites do nosso horizonte temporal. O reconhecimento desta dilação leva Teófilo Braga a procurar compreendê-los a partir da dimensão

histórica que os envolve. A história, aliás, permite superar a debilidade da metodologia positivista, que circunscreve o conhecimento ao que a experiência e a demonstração lógica conseguem apurar. O conhecimento histórico dá-nos acesso a uma realidade que excede os limites da vida individual, oferecendo-nos a perspectiva da obra colectiva da humanidade. Por esta via, os fenómenos sociais deixam de se compreender isoladamente, mas na relação de dependência numa rede, mais ou menos complexa, de outros fenómenos. Fica, desta forma, garantido o cumprimento do princípio da epistemologia positivista, que Teófilo enuncia do seguinte modo: «o conhecimento de cada fenómeno será tanto mais completo quando se reunirem as condições em que foi produzido e as consequências que se derivam dele ao ponto de poder ser previsto racionalmente, ou às vezes, verificado experimentalmente»¹.

Desde que o critério positivista do conhecimento proscreveu um conjunto de questões, como as relativas à causa ou princípio, essência ou finalidade das coisas e dos acontecimentos, centrou o seu objecto no estudo da regularidade da relação

entre os fenómenos. Os fenómenos ou acontecimentos compreendem-se na sequência de outros que os antecedem e, simultaneamente, em função das alterações ou efeitos que produzem. Será a partir da regularidade que estas observações propiciam que poderemos formular a lei que permitirá controlar e prever a forma como acontecem. No entanto, os fenómenos sociais distinguem-se dos que pertencem ao domínio corrente do mundo natural, pois para além do determinismo das circunstâncias físicas que os envolvem, a sua dependência de factores individuais é decisiva. Entre estes últimos, sobressaem a consciência e a liberdade humanas que introduzem significações, motivações e toda uma gama de intencionalidades que poderá alterar o curso natural dos acontecimentos, conferindo uma dimensão inovadora à herança do passado.

Estes factores de progresso social encontram na acção de grandes individualidades uma instância decisiva para lançar a tradição histórica, que as instituições sociais representam, numa linha de progresso, que as renova e adapta aos novos desafios. Iremos, por isso, procurar apresentar as singularidades que a perspectiva positivista de Teófilo Braga destaca na análise das dinâmicas sociais, para compreender, de seguida, a importância das grandes individualidades na

¹ Teófilo Braga, *Traços Gerais da Filosofia Positiva Comprovados pelas Descobertas Científicas Modernas*, Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1877, p. 120.

transformação da sociedade, designadamente, o que representam para a formação dum sentimento elevado de consciência nacional, aspecto que conheceu alguns importantes desenvolvimentos e aproveitamento político na mobilização social do país para a causa do ideal republicano.

1. Liberdade e autoridade limitam o campo do conflito político que opõe o indivíduo e o Estado. Joga-se nessa oposição o equilíbrio entre a estabilidade que assegura a conservação da ordem do tecido social e as forças que provocam a sua transformação. Um conjunto de factores dinâmicos ou de progresso imprime nos contextos em que a sociedade desenha os contornos da sua fisionomia uma renovação que o poderá desfigurar. Compete à acção política reequilibrar esses antagonismos, de modo que o peso da estabilidade social não inviabilize a adaptação da sociedade às influências do meio e aos desafios da história. A complexidade das energias sociais, que provoca a emergência dos factores dinâmicos do *progresso*, integra sem aniquilar os factores estáticos da

*ordem*². Sem contrariar a expressão destas forças que se opõem, cabe à acção política reconhecer a importância da inovação e da vitalidade das paixões e motivações individuais na transformação da sociedade, promovendo-as como estímulos que poderão conferir incentivo à actividade de cada um.

O processo compreende-se na linha de continuidade com as dinâmicas do mundo vivo, onde a identidade individual se afirma numa conquista permanente de equilíbrio entre o organismo, que procura preservar a sua identidade, e um conjunto de factores externos, que forcem a sua transformação. Mas ao contrário do mundo animal, em que cada elemento da espécie se confunde com o agregado em que vive, nas sociedades humanas, a capacidade de cada indivíduo para se destacar da colectividade constitui um sinal do seu ascendente sobre o grupo a que pertence e, em consequência, a marca da sua superioridade. As sociedades humanas não se distinguiriam dos agregados animais se apenas estivessem sujeitas à lei da estabilidade que a dependência da autoridade do

² As sociedades encontram nas instituições o princípio da estabilidade ou da *ordem*, mas, para que esta não degenera em rotina sem inovação, as permanentes exigências de adaptação ao meio obrigam a uma imparável dinâmica de *progresso*. Será a harmonia entre estas duas forças, em que Augusto

Comte compreendeu a vida das sociedades, que permitirá evitar as situações extremas dum *ordem* social, que mergulhe na apatia, e dum *progresso* social, que seja simples agitação sem rumo. Cf. Teófilo Braga, *Sistema de Sociologia*, Lisboa, Tipografia Castro e Irmão, 1884, p. 75.

Estado e o determinismo biológico impõem. Seriam, por isso, incapazes de conhecer qualquer forma de progresso. Será, portanto, a iniciativa da vontade individual que poderá quebrar a sequência dos acontecimentos, conferindo-lhes novos rumos, ditados por intencionalidades diferentes. Foi sob o impulso da afirmação da individualidade que Teófilo Braga compreendeu o processo de diferenciação operado na Grécia antiga, relativamente à herança que recebeu da cultura dos povos orientais. O mesmo se aplica aos demais povos e agentes de transformação cultural e civilizacional, como aconteceu com a entrada na modernidade, período histórico que lançou a humanidade na direcção do estado positivo. A afirmação da individualidade integra-se na vida social no seu conjunto, interferindo de forma decisiva na organização das ciências, das artes e da economia. Na visão do positivismo, em que Teófilo Braga se inclui, a espontaneidade da actividade individual constitui, pois, uma fonte impulsionadora do progresso humano e das cidades.

O progresso social é pensado por Teófilo Braga como a procura do equilíbrio da relação entre o indivíduo e o Estado, de modo a este não constituir um obstáculo que atrofie o desenvolvimento individual e o indivíduo não deixar de reconhecer os seus vínculos ao Estado, para que não fiquem

todos em estado de guerra, uns contra os outros. O equilíbrio entre o individual e o colectivo marca o desenvolvimento das instituições, mas é a afirmação crescente da iniciativa individual que faz a sociedade romper a estabilidade automatizada dos seus procedimentos e a lança no caminho da inovação e do progresso. Ao contrário do que acontece com os organismos vivos, que seguem um curso sequencial inalterável, a dinâmica social, apesar de depender de factores biológicos, está sujeita à interferência de factores acidentais ou fortuitos, que em rigor se não podem prever, pois estão dependentes da vontade individual. Porque o desenvolvimento social não progride segundo uma linha predefinida de estádios sucessivos, a análise social não se reduz à análise biológica, mas deverá ter em linha de conta a intervenção da consciência e da vontade individual, que têm ambas a capacidade de provocar a «multiplicação dos efeitos»³. Por isso, em lugar de *evolução*, Teófilo prefere falar de *progressão*, para caracterizar o processo de expansão dos fenómenos sociais, reservando a primeira denominação para qualificar o desenvolvimento dos fenómenos dependentes do determinismo biológico. À medida que emerge a interferência da acção individual atenua-se

³ *Ibidem*, p. 54.

o determinismo biológico e a actividade social afigura-se mais complexa e heterogénea, o que torna indispensável a subordinação de todas as iniciativas individuais a um centro coordenador que é, em geral, assumido pelo Estado.

A sociedade conhece diferentes níveis de desenvolvimento, desde os que se apresentam regulados pelas tradições e costumes, os quais se encontram na linha de continuidade directa dos automatismos das funções animais, até aos que envolvem uma especialização de funções e de poderes. A superioridade intelectual ou moral do indivíduo constitui factor de coesão social na medida em que introduz uma alteração inesperada, que promove o desenvolvimento das condições susceptíveis de modificar e promover o bem-estar da colectividade. É graças à acção do indivíduo na sociedade que esta ganha uma expressão dinâmica que introduz a renovação nas suas estruturas estabilizadas: «As sociedades, dirigidas por um instinto de conservação animal são regressivas, as que sofrem a influência da acção do indivíduo utópico (visionário) apresentam uma perspectiva de futuro, de renovação»⁴.

Na combinação destes dois vectores de efeitos contrários, a análise social compreende a dinâmica que orienta

o desenvolvimento da sociedade. A conservação da *ordem* constitui uma garantia da estabilidade das instituições sociais, mas para que esta estabilidade se não apresente como um automatismo, apático e cristalizado num conjunto de rotinas, é necessário que seja animada pela dinâmica do *progresso*. Por outras palavras, para que o *progresso* não resulte numa simples agitação ou convulsão social, que disperse e desagregue a vida social, terá de se realizar no horizonte da *ordem* ou da conservação ou regularização dos progressos adquiridos. A sociedade tende espontaneamente a conservar os progressos sociais que vai integrando. Estes ganham assim uma certa regularidade, que os torna de algum modo previsíveis e susceptíveis de serem antecipados segundo uma causalidade natural, independente da intervenção providencial ou dos arbítrios individuais. Mas a acção individual, enquanto ilustrada pelos contributos das ciências, é susceptível de promover a adesão afectiva da colectividade e mobilizá-la para o aparecimento de uma nova ordem. A influência do indivíduo na sociedade deriva do carácter racional da sua actuação, e não do facto de se considerar um delegado de Deus, como acontece na Igreja e nas dinastias de direito divino. A importância da intervenção do indivíduo na vida social encontra-se no carácter racio-

⁴ *Ibidem*, pp. 72-73.

nal dos seus projectos e na capacidade que estes apresentarem para suscitar nas multidões sentimentos, interesses e paixões que as mobilizem.

2. Teófilo tem a preocupação de advertir para os limites da acção do indivíduo e para os requisitos que lhe conferem legitimidade ou, pelo menos, credibilidade: «É preciso reconhecer a necessidade de intervenção do individualismo, mas é mais preciso estabelecer a sua disciplina»⁵. A acção do indivíduo ganha critério e disciplina numa sociedade esclarecida pelas luzes da ciência, designadamente, a ciência política, que constitui uma aplicação especializada da sociologia. Sem a ilustração das ciências, a sociedade deixa-se conduzir sem critério por poderes individuais que a escravizam com o único intuito de perpetuar o seu poder dinástico ao longo de gerações. Teófilo Braga, na linha de Augusto Comte, atribui à clarividência política das grandes individualidades a capacidade de conduzir a vida social com a menor resistência da opinião pública. Só elas serão capazes de actuar «segundo a oportunidade ou relação com as tendências indicadas pela opinião pública»⁶. Esta capacidade, que Teófilo Braga reconhece ser de «difícil ponderação», caracteriza «o tino político»,

próprio das grandes personalidades da história. É ela que suscita a adesão da população, pois responde aos seus interesses.

A transformação da sociedade ao longo da história foi compreendida por autores, como Kant, como um desígnio global da natureza que, apesar de não conseguirmos enunciar, dá sentido às acções humanas, muitas vezes inconsequentes e desencontradas. Hegel identifica esta força orientadora da história como a realização da Ideia nos acontecimentos, em que grandes personalidades dão expressão ao destino e aos anseios mais genuínos e obscuros do povo. Também Saint-Simon compreendeu as grandes e decisivas transições da história pela acção decisiva de grandes personalidades que actuavam como intérpretes da transformação progressiva da sociedade. Estas concepções, porém, apesar de salientarem o papel decisivo dos «Grandes Homens» na evolução da sociedade, conceberam a sua acção como simples instrumento dum destino providencial, o que os colocava para além dos nossos padrões morais e, em consequência, acima da humanidade, na linha que conduzia ao seu endeusamento. Posta nestes termos, a teoria dos «Grandes Homens» como motor da história apenas favorecia o abuso do poder e a submissão do

⁵ *Ibidem*, p. 81.

⁶ *Ibidem*, p. 82.

povo às exigências de um destino que até poderia conduzir ao sacrifício da própria vida⁷.

Estas concepções pertencem ao período teológico e metafísico da humanidade, em que os grandes dirigentes sociais e políticos se tornavam objecto de veneração e de culto. No estado positivo, a teoria dos «Grandes Homens» compreende-se na linha de continuidade da «força» que faz progredir as sociedades, em que todos cooperam para um fim comum, apesar das contradições e conflitos de interesses que os dividem. Esta força, porém, não é de natureza transcendente, mas imanente, sendo considerada do mesmo tipo da que anima os fenómenos biológicos. Ela impulsiona a vida social, dando unidade à actuação individual e às alterações sociais que encaminham a sociedade para o estado positivo, em que a clarificação racional da explicação científica provoca o descrédito das antigas concepções sobrenaturais e metafísicas. É pela acção individual de personalidades particularmente esclarecidas que a sociedade toma consciência das suas aspirações mais profundas e se mobiliza para a sua concretizá-las. A intervenção individual do «Grande Homem», pela sua capacidade de compreender o sentido da história,

revela-se na sociedade por tornar mais fácil essa transição, afastando o que dificulta a sua concretização e mobilizando os meios que a favorecem: «aquele que pode exercer uma tal acção destaca-se como um Grande Homem»⁸. A capacidade de coordenar a diversidade de vontades e interesses, de modo a actuar e modificar o meio social na linha do seu desenvolvimento, é obra de «altas individualidades que possuíram a intuição de uma intervenção oportuna»⁹. É à volta dessa elite social, que se distingue pela clarividência do conhecimento científico da sociedade, que se coordenam de forma racional e se mobilizam as dinâmicas do progresso social. Compete à história «discriminar a intervenção individual na marcha das sociedades»¹⁰. À acção política cabe mobilizar a consciência nacional em redor da evocação dos grandes vultos da história que lhes inspiram coesão e reforçam a identidade.

3. Cada época da história apresenta profundas diferenças e desafios que causam perturbações nos momentos de crise ou de transição. É neste contexto que surge a teoria do «Grande Homem», destinada a compreender a liderança dessa transição, ou seja, a

⁷ Cf. *ibidem*, pp. 145-151.

⁸ *Ibidem*, p. 146.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*, p. 158.

integrar os elementos perturbadores da marcha histórica da humanidade, removendo o que constitui obstáculo à afirmação dos planos mais elevados da evolução natural da sociedade¹¹. A ideia de que as forças progressivas da sociedade dependem do protagonismo de individualidades particularmente dotadas remonta a Saint-Simon e encontra-se na base da concepção positivista, para quem o papel do indivíduo se compreende, não pela sua ligação a um grupo restrito ou a interesses particulares, mas pela sua integração na lógica do projecto universal da Humanidade, mobilizando em seu favor as luzes que as ciências e as técnicas trazem em seu apoio. Atender à acção desenvolvida por personalidades proeminentes que modificam a linha de rumo do progresso humano constitui o meio para perceber como se exerce ou actua a força desconhecida que conduz o progresso das sociedades, ou seja, como é que a perturbação da ordem estabelecida, nos organismos vivos e nos grupos sociais, se põe ao serviço «de uma transformação voluntária e de um progresso consciente capaz de ser previsto»¹². O protagonismo de gran-

des personalidades aparece em todas as fases da história humana como motor principal da sua evolução. Mas, enquanto que, no estado teológico, estes líderes são tidos como encarnação ou mensageiros divinos, e, no estado metafísico, como intérpretes dos princípios absolutos e eternos, somente no estado positivo eles aparecem como protagonistas duma nova síntese social fundada no poder espiritual da Ciência.

O estudo psicológico do indivíduo permite perceber a importância da sua intervenção na marcação do ritmo do progresso social, e projectar assim alguma clarificação na evolução histórica da sociedade. Se, por um lado, existem «criações intelectuais, que nunca o cérebro humano poderia descobrir separado da corrente social, tais como a linguagem, a representação artística, o estabelecimento do direito, o consenso moral, a divisão do trabalho, enfim, as instituições que dão ao indivíduo as condições para a plena expansão das suas capacidades; por outro lado, existem ideias que impulsionam imediatamente as sociedades, que só poderiam ser concebidas por um indivíduo»¹³. É desta forma que

¹¹ Cf. José Luís Brandão da Luz, «Teófilo Braga e a dimensão social da religião», em Cassiano Reimão e Manuel Cândido Pimentel (org.), *Os Longos Caminhos do Ser. Homenagem a Manuel Barbosa da Costa Freitas*, Lisboa, Faculdade de Ciên-

cias Humanas da Universidade Católica Portuguesa, 2003, pp. 373-395.

¹² Teófilo Braga, *Sistema de Sociologia*, p. 147.

¹³ *Ibidem*, p. 439.

se poderá compreender a complementaridade da psicologia e da sociologia na clarificação dos fenómenos culturais e sociais, nomeadamente o carácter cívico da evocação nacional dos grandes vultos da Pátria, nas festividades dos centenários. A comemoração colectiva das grandes individualidades e efemérides constitui uma forma de despertar e congregar os sentimentos adormecidos e dispersos no íntimo de cada indivíduo. Mas representa acima de tudo uma chamada à mobilização geral dum povo em redor do que o pode regenerar, ou seja, daquilo que interpreta ou sintetiza os seus mais elevados desígnios de felicidade e progresso, que a Ciência e a Indústria prometem realizar¹⁴. Porque nenhum acontecimento se compreende isoladamente, haverá que estabelecer a sua conexão com as condições impostas pelo meio social e com as motivações conscientes que o determinam. Estas operam por intermédio de três instâncias centradas no sistema nervoso, que dirigem os movimentos, elaboram as sensações e as relacionam intelectualmente. Estão na origem do que Comte designou as sínteses activa, afectiva e especulativa, que põem em movimento

a evolução histórica conduzida pelo protagonismo de grandes individualidades¹⁵. Ao nível do desenvolvimento histórico, as necessidades, anseios e convicções sociais obtêm, assim, segundo Augusto Comte, três formas características de resposta que traduzem o seu maior ou menor grau de emancipação ou desenvolvimento intelectual. Na *síntese activa*, a unificação social opera-se de forma espontânea na defesa contra as adversidades naturais e as ameaças externas. A estabilidade social trazida pela constituição das famílias e a definição das fronteiras territoriais deu origem à *síntese afectiva*, em que predomina os sentimentos de simpatia que são considerados os primeiros sinais da manifestação do altruísmo. A unidade social faz-se na base das emoções religiosas, que o culto doméstico e nacional propicia, e a exaltação das virtudes cívicas. Finalmente, a *síntese especulativa* resulta do domínio da nossa capacidade racional, em que a cooperação social se organiza pelo domínio das ideias e da argumentação. Torna-se assim possível uma reacção organizada contra a imobilidade provocada pelo automatismo dos costumes, que impede a inovação, e um

¹⁴ Para Teófilo Braga, na sequência de Augusto Comte, a indústria e a ciência representam os novos poderes dos tempos modernos. Servem ambas de modelo à nova ordem política da sociedade, tradicionalmente do-

minada pela autoridade dos poderes do Estado e da Igreja.

¹⁵ Cf. Teófilo Braga, *Sistema de Sociologia*, pp. 152-153.

processo de modelação dos sentimentos de acordo com as ideias. As lutas políticas e religiosas estão na origem da manifestação desta nova síntese «que procura realizar a unidade social pela unanimidade das convicções»¹⁶. A nível político, permite a discussão dos vícios e dos abusos da organização social; a nível religioso, dá consistência ao debate das concepções e dogmas teológicos, dando assim origem às convulsões sociais e às heresias que visam pôr a vida social e as vivências individuais de acordo com as ideias. Pela síntese especulativa a sociedade entra na rota da civilização, que deverá culminar no estabelecimento do poder temporal da Indústria e do poder espiritual da Ciência, as únicas concepções mentais definitivas e verdadeiras porque «dependem de uma justa relação entre a subjectividade, ou elaboração da ideia, com a objectividade, ou os dados da realidade do mundo exterior»¹⁷. À medida que o domínio da subjectividade vai dependendo da influência positiva da objectividade que as ciências proporcionam, decresce a influência das sínteses ou concepções gerais baseadas nos sistemas teológicos e metafísicos, que são fonte de permanentes discórdias.

Os sentimentos, que outrora obtinham resposta na religião e no culto, passaram a ser satisfeitos pelas «grandes festas da Civilização», ou seja, pelas grandes *Exposições*, industriais e agrícolas, que, ao mostrarem o progresso social realizado por fins pacíficos pela Indústria, são a afirmação do poder do trabalho, como a nova «síntese activa», apesar da instabilidade provocada pela agitação laboral e pelas políticas governativas de protecção às indústrias; pela celebração dos *Centenários* evocativos de grandes personalidades e acontecimentos, que enaltecem os valores morais da solidariedade e do altruísmo, como a realização da nova «síntese afectiva»; finalmente, pelos *Congressos*, em que se reconhece o poder espiritual da Ciência que eleva a sociedade ao nível da Humanidade, como a expressão da nova «síntese especulativa», contra a «pedantocracia» dos sábios, universitários, jornalistas e políticos que, adormecidos pelos benefícios que o sistema lhes concede, teimam em não reconhecer os progressos da civilização¹⁸. No período definitivo do poder espiritual da Ciência, os sentimentos individuais e a satisfação das necessidades colectivas encontram na cele-

¹⁶ *Ibidem*, p. 309.

¹⁷ *Ibidem*, p. 310.

¹⁸ Cf. *ibidem*, p.17.

bração dos *Centenários* uma resposta diferente da que era dada pela religião, mas que não deixa de satisfazer o mesmo tipo de solicitações. Entre todas as celebrações, o 3.º centenário da morte de Camões é para Portugal «a síntese do seu carácter nacional»¹⁹ e a afirmação do seu valor no respectivo das nações. A evocação do nome e da obra de Camões faz reacender na sociedade portuguesa a consciência da sua identidade como povo e do seu lugar na história da humanidade, pois, ao ter aberto o caminho marítimo para Oriente, permitiu às «nações da Europa a conhecerem as suas origens étnicas, e a saberem explicar o seu passado» pelo maior aprofundamento das suas concepções religiosas, costumes e da própria língua²⁰. A epopeia de *Os Lusíadas*, como Teófilo escreve no prólogo da obra *Camões e o Sentimento Nacional*, constitui a expressão estética mais sublime da gesta de um povo que, em Aljubarrota e pelos Descobrimentos, forjou um ideal colectivo e empreendeu uma acção comum, que «transformou uma Pátria numa Nacionalidade histórica». É aliás bem elucidativa, no discurso inaugural que Teófilo profe-

riu na abertura solene do Congresso das Associações Portuguesas, realizado por ocasião do centenário de Camões²¹, a ênfase dada ao acontecimento como «manifestação do sentimento nacional», da «vitalidade de um povo» e da sua «força orgânica» para se levantar da decadência económica, intelectual e social em que vive.

Nesse mesmo discurso, a autoridade de Saint-Simon e de Comte é invocada para fazer ver a urgência de incrementar uma profunda reorganização da sociedade, fazendo substituir a força militar pela técnica ao serviço da indústria, o poder das divindades pela exaltação dos sábios, que trouxeram o progresso da sociedade e uma nova concepção de verdade. É este o sentido mais profundo que animou também a celebração do Centenário do Marquês de Pombal, em 1882. Pondo de parte o modo, «muitas vezes repugnante, criminoso e com uma certa monstruosidade moral»²², como empreendeu a sua acção reformadora, este centenário pretendeu pôr em evidência o seu importante papel na abertura do país ao desenvolvimento das ciências e à clarivi-

¹⁹ Teófilo Braga, *Os Centenários como Síntese Afectiva nas Sociedades Modernas*, Porto, Tip. de A. J. da Silva Teixeira, 1884, p. 5.

²⁰ Cf. *ibidem*, pp. 18-19.

²¹ Cf. Teófilo Braga, *Camões e o Sentimento Nacional*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1891, pp. 305-311.

²² Teófilo Braga, *Os Centenários como Síntese Afectiva nas Sociedades Modernas*, p. 187.

dência do pensamento dos Enciclopedistas, que contribuíram para renovar as mentalidades e libertar a Europa do *Ratio Studiorum* dos jesuítas²³. A acção renovadora de Pombal, que se traduziu na secularização do ensino, na reforma da Universidade, na abolição da escravatura, no desenvolvimento da indústria, na defesa do interesse nacional, contra a influência inglesa, tornou-se por isso um pilar da coesão nacional e «um impulso para novos destinos»²⁴.

A celebração dos centenários, como festas de «regeneração nacional», representa a forma de satisfazer hoje os sentimentos de amor e admiração pelos vultos da história. Após a decadência do catolicismo, é o renascer da festa, na sua plena autenticidade, agora sob os auspícios do positivismo. Trata-se, como Comte havia previsto, da forma actual de manifestar os sentimentos colectivos da nova «religião *demonstrada*», a qual, argumenta Teófilo, em lugar de, como acontecia no passado, «desvairar a mente do povo com a repetição de velhos mitos, acomodados pelas alegorias às paixões de cada época e aos interesses duma classe, hoje procura-se localizar a admiração e a simpatia naqueles vultos que pela sua acção nos fazem sentir a solidariedade humana, que

contribuíram para o bem-estar social por uma ideia, por uma invenção, por uma intervenção oportuna, por qualquer sacrifício enfim!»²⁵.

*

A teoria dos «Grandes Homens» desenvolvida por Teófilo Braga não constituiu uma simples digressão especulativa, mas tornou-se uma importante fonte inspiradora da afirmação política do Partido Republicano Português. Este partido resultou da confluência, nunca unificada e disciplinada, da dinâmica dos centros e clubes republicanos, dispersos pelas cidades do país, que viviam sob a influência do prestígio que os dirigentes locais gozavam, no meio, e dos vínculos que os ligavam às personalidades que chefiavam os agrupamentos mais importantes do movimento, em Lisboa e Porto. Sem disporem de programa e liderança comuns, os republicanos tinham apenas a uni-los o combate ao regime monárquico e à influência do clero na vida social e política do país, pelo que encontravam na exaltação do nacionalismo, que a celebração das grandes efemérides e personalidades nacionais propiciavam, uma forma de irradiação galvanizadora de um país descrente da alternância

²³ Cf. *ibidem*, p. 206.

²⁴ *Ibidem*, p. 183.

²⁵ *Ibidem*, pp. 199-200.

política dos dois partidos do regime e duma política externa, incapaz de defender os interesses nacionais em África, em especial nas negociações com a Inglaterra.

Para além do aproveitamento estratégico da valorização das grandes individualidades da história, não poderemos deixar de salientar o que esta teoria pressupõe ao nível da formação do indivíduo. Este aspecto afigura-se central na gestão política do equilíbrio de iniciativas de que as instituições carecem para se adaptarem às circunstâncias impostas pelo progresso da civilização, em que sobressaem os avanços do conhecimento das ciências. Será pela ilustração do conhecimento científico que se legi-

tima e credibiliza a acção das grandes personalidades da história. Mas a sua autoridade carece de legitimação democrática, o que levanta dificuldades práticas numa sociedade com baixo índice de alfabetização, logo, com discernimento suficiente para decidir com consciência esclarecida e em liberdade. Muitos advogavam, por isso, o imperativo de desenvolver uma política que elevasse o nível cultural da população, capaz de se assumir como um corpo actuante de cidadãos, duma pátria em que o poder residisse efectivamente no voto livre e esclarecido de cada um. Compreende-se, por isso, os receios de muitos republicanos por uma solução revolucionária de implantação do regime, o que acabou por acontecer.

